

Anno VI

Rio de Janeiro - 13 de Janeiro 1900

Nº111



# DN QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini.

Largo da Carioca N° 4 (Sobrado)



- Uff! Que calor! Que mosquitos! E que falta de assuntos!

## O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 13 de Janeiro de 1900

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOMA N. 4

SOBRADO

## PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre.... 14\$000	Semestre.... 16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000	

## EXPEDIENTE

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E AOS QUE O  
QUEREM SER

Pedimos aos nossos assignantes dos Estados a bondade de mandarem reformar suas assignaturas, ou por intermedio de seus correspondentes n'esta Capital, ou por meio de carta registrada com vale postal do valor da assignatura.

Podem igualmente enviar a importancia da mesma em dinheiro dentro de uma carta devendo ser esta registrada e com a declaração da importancia no enveloppe.

Aos assignantes d'esta Capital fazemos identico pedido.

Todas as pessoas que assignarem o nosso jornal receberão como premio alguns numeros que tratam das festas ao general Roca, por occasião de sua visita a esta Capital.

Toda correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini para o nosso escriptorio—Largo da Carioca n. 4, sobrado.

15 DE NOVEMBRO

RESUMO HISTORICO

(Continuação)

Não podemos n'este rapido resumo historiar todos os factos nem entrar em certos detalhes sobre o fatal acontecimento de 5 de Novembro de 1897, do qual o Dr. Prudente de Moraes escapou de uma morte certa, barbaramente premeditada havia mezes, e que victimou seu ministro da guerra, o maréchal Bittencourt, que para salvar a vida do presidente da Republica não hesitou em sacrificar a sua, lançando-se sobre o assassino Bispo de Mello, que o crivou de punhaladas.

Este desgraçado e miserável soldado, menos culpado, sem duvida, que os infames politiqueiros e chefes jacobinos que o animaram a praticar tamnho attentado, não era mais que um vil instrumento de que se serviram esses perversos, tão barbaramente ao mesmo tempo tão imbecis, que não com-

prehendiam que assassinar o presidente da Republica, e sobretudo um homem como o Dr. Prudente de Moraes, era assassinar a propria Republica.

E são esses miseraveis que alardeam ser os melhores irrepresentacionais.

Pódem os monarchistas escrever quantas decadas quizerem para desacreditar a Republica, mas nunca hão de fazer tanto para isso quanto aquelles fizeram.

Só assim é que o Dr. Prudente de Moraes se resolveu a reagir, mas ainda sem grande energia.

O seu chefe de policia, além de muito antipathico, era um individuo inepto e medroso, e isto a tal ponto que, necessitando dar o retrato do assassino em uma estampa allegorica ao attentado de 5 de Novembro, e sabendo que o retratista da policia fezinhia feito dois clichés, esse Sr. chefe fez-nos esperar cinco dias, apesar da ordem que lhe levámos por escripto do Dr. Prudente de Moraes e dos ministros da justiça e da guerra.

Observando-lhe que não comprehendiamos essa sua má vontade, elle disse-nos francamente que receiava, dando-nos o retrato, vêr o exercito vingar-se d'elle, indo atacar a policia.

Contendo uma boa gargalhada, respondemos-lhe que maior receio deveríamos ter em publicar o retrato no nosso jornal e, entretanto, não hesitavamos em estampal-o.

— Ao menos que não seja com a farda de soldado, disse-nos, mostrando um retrato à paisana.

— Pois sim, entregue-nos esse.

E sahimos.

No dia seguinte publicámos o retrato do soldado assassino com a competente farda.

Escusado é dizer que n'esse mesmo dia a guarda da policia foi quadruplicada e todas as armas carregadas a bala.

O chefe da policia não foi assassinado; ainda está vivo.

E nós quoque.

Não admira que com tal chefe de policia os conspiradores tratassesem com todo o descanso do attentado e sem receio de serem incomodados.

Nem no Arsenal de Guerra, onde se deu o crime, nem em rua alguma proxima d'elle, havia um só agente de policia para avisar que grupos de ferozes chefes jacobinos bem conhecidos se achavam entre o povo e no Arsenal.

Em qualquer parte do mundo, depois de tão grave attentado, um chefe como esse teria sido posto fóra imediatamente. O Dr. Prudente de Moraes, pelo contrario,

tratou-o ainda melhor, parecendo redobrar a confiança que n'elle depositara!

E vendo que o caso era sério, o Dr. Edwiges lembrou se n'esse dia que era chefe de policia e tratou imediatamente de o provar, mandando prender a torto e a direito cidadãos nacionais e estrangeiros.

Uma d'essas prisões foi interessantissima.

O Sr. senador Pinheiro Machado mandára um telegramma para um lugar cujo nome não nos lembramos n'este momento.

Não podendo expedil-o sem autorização da policia, pois que era de um chefe politico muito conhecido, o telegraphista levou-o ao Sr. Edwiges, que apenas lhe deitou os olhos emcima empalideceu!

Está tudo perdido, pensou elle; ahí vem a revolução armada e o Prudente d'esta vez não escapa! Si não morrer será pelo menos destituido e eu posto no olho da rua. Nem o Porciuncula me pôde mai valer!

Quem sabe si retendo o telegramma e prendendo já o senador, não impedirei... Dito e feito.

O senador foi logo preso e o telegramma retido.

D'ahi a meia hora o chefe de policia achava-se no Cattete, no gabinete do presidente da Republica, a quem declarou com ar todo misterioso que, graças ás energicas medidas que tomara, não só havia descoberto como acabava de impedir medonha revolução, na qual tomariam parte conspiradores da Capital e outros de fóra que só esperavam ordens para marchar.

— Tem de certeza que o Pinheiro Machado está mettido n'isso!

— Certeza absoluta, respondeu o illustre chefe.

— Mas, como?

— Este é o meu segredo e peço a V.Ex. alguns dias para estabelecer o meu plano de contra-revolução; depois contarei tudo.

Momentos depois o chefe de policia despedia-se do chefe do Estado.

A prisão do senador Pinheiro Machado não tardou a divulgar-se por toda a cidade.

Encontrando-nos com o Dr. Ramiro Barcellos, procurámos saber d'esse outro senador rio-grandense o que pensava da prisão do seu collega.

E, com a sua franqueza habitual, respondeu-nos:

— O que penso? E' que simplesmente o Edwiges é um idiota.

— Mas então o Pinheiro Machado...

— Não conspira nem pensa em tal cou-

sa. Quem conspira contra o bom senso e contra a tranquillidade publica assustada com tais boatos é o proprio chefe.

Effectivamente d'ahi a dias este illustre e perspicaz chefe, não obtendo informação alguma sobre a tal revolução, apezar de todos os seus esforços para descobrila, supôz tal-a abafado de uma vez e foi vitorioso para o Cattete participar ao Dr. Prudente de Moraes o resultado do seu trabalho policial.

— V. Ex. nada mais tem a receiar; graças a mim a revolução gorou.

— Obrigado, disse o presidente apertando-lhe as mãos. Quanta dedicação! Quanta prespicacia! Posso saber agora qual o meio de que se serviu para obter tamanha victoria?

— Simplesmente a prisão do Pinheiro Machado e este telegramma escripto pelo seu proprio punho e que guardei. Ei-lo.

O Dr. Prudente de Moraes, apenas deitou-lhe os olhos, franziu as sobrancelhas, parecendo bastante contrariado.

O telegramma tambem foi visto por outros ministros que se achavam presentes e que não dissimularam de todo o espanto seguido logo de algum sorriso ironico.

Ao ver tanta frieza da parte do presidente e do governo, em logar das felicitações que esperava, o Sr. Edwiges sentiu-se devêras intrigado.

Eis o que dizia o telegramma:

Amigo X—Ponta Grossa.

Aprompte tropa; não mande seguir sem ordem minha.—Pinheiro Machado.

Um dos ministros, approximando-se do chefe, disse-lhe baixinho ao ouvido: Pois o senhor não sabe que o Pinheiro Machado negocia em animaes e que aqui trata-se de uma tropa de burros e não de gente? Mande soltar imediatamente o senador.

Facil é imaginar-se com que cara de... ficou o perspicaz chefe, cuja alta capacidade intellectual só serviu para leval-o ao ridiculo até o cumulo.

(Continua).

## FORO E DESAFORO

De vez em quando o nosso fôro serve aos amadores de boas pilherias e ao proprio pessoal que o compõe, gente de bêca e sem bêca, de borla e capello e outros de cartola, sem bêca nem borla ou burla, alguns pratinhos de especial sabor.

O que seria considerado um acto criminoso em qualquer paiz onde ha fôro que se respeita, é entre nós tido como um acto de grande finura e alta esperteza.

O *O Paiz* do dia 9 publicou mais uma d'essas bellezas forenses, declarando ter causado grande surpresa no fôro. Eis o que disse essa folha, uma das mais bem cotadas da nossa imprensa ( sem allusão ao Cotta).

\* O Dr. Builhões Pedreira, juiz da camara civil do Tribunal Civil e Commercial, rectificou o mandato expedido a requerimento do coronel Horacio José de Lemos, socio da firma Salgado, Cardoso, Lemos & C.

N'este mandato havia referencia ao direito de compra de gado, e foi isto que o juiz mandou excluir, visto nunca ter sido seu pensamento conceder a manutenção n'esse ponto.

O que parece ter ficado apurado é que alguém quiz collaborar com o honrado juiz, contra a vontade d'este, enxertando na petição, depois de proferido o despacho, as tais palavras que hontem tanta surpresa causaram no fôro: *manutenção no direito de compra de gado*.

Felizmente a esperteza não vingou...

Esse jornal acha, pois, que o tal enxerto foi uma esperteza e que o nosso fôro apenas ficou surprehendido...

Si ao menos as palavras surpreza e esperteza tivessem sido gryphadas...

O collega, entretanto, por simples delicadeza, não usou do grypho para que não se comprehendesse que *esperteza* queria dizer crime e *surpresa*, indignação.

Não gryphou e fez bem.

Hoje ninguem se indigna com cousa alguma, nem ha trapaça ou esperteza que não se ature e até que se não lhe ache graça.

Os rabulas pôdem fazer quanta rabulice quizerem e não é sem razão que se diz: O nosso fôro é um desafôro.

*Vox populi, vox Dei!*

Nós mesmos, á vista de tantos actos estapafudos praticados por certos magistrados, e d'entre elles alguns da mais alta categoria, não podemos ter nem o menor respeito, nem a mais leve consideração á tais... representantes da justiça.

Não admira, pois, que esta tenha desci- do tanto a ponto de já não inspirar a menor confiança áquelles que precisam recorrer a ella.

Em geral os interessados em qualquer processo perguntam:

Quem é o juiz?

E, segundo a resposta, lê-se no rosto do interessado a esperança ou o desanimo.

E' que entre nós ha juizes rectos, sérios e honestos, e outros que... etc. e tal.

Ha juizes muito intelligentes e outros... bem tapados, benza-os Deus!

Outros ha, e em grande numero, que

têm todas as qualidades necessarias a um juiz, menos a força necessaria para cumprir com seu dever, desprezando laços de amizade, considerações, empenhos, etc.

Por isso é que em qualquer causa, por mais justa que seja, não conhecendo quem é o juiz que deve julgal-a, nunca se sabe, nem mesmo os mais habeis advogados, para que lado penderá a balança da justiça.

E' doloroso dizer o, mas é a pura verdade, e nós só fallamos verdade.

## A MANUTENÇÃO DO CORONEL (?) HORACIO...

Antes de entrarmos no assumpto, permittam-nos dizer duas palavras ácerca do —? — que collocámos em seguida ao titulo de coronel.

Coronel de que?

Do exercito ou da guarda nacional?

De bobagem, como diz o povo referindo-se a esta, ou de verdade?

Esta mania de ter-se coronelisado meio mundo é de um burlesco tal, que não podemos deixar de protestar contra o abuso d'esse titulo, que lança o ridiculo sobre os officiaes superiores do nosso exercito, fazendo-os passar por boiadeiros ou carniceiros, vendedores de gallinhas ou de porcos, de chita ou de botas, empregados publicos ou do commercio, fazendeiros, etc., etc.

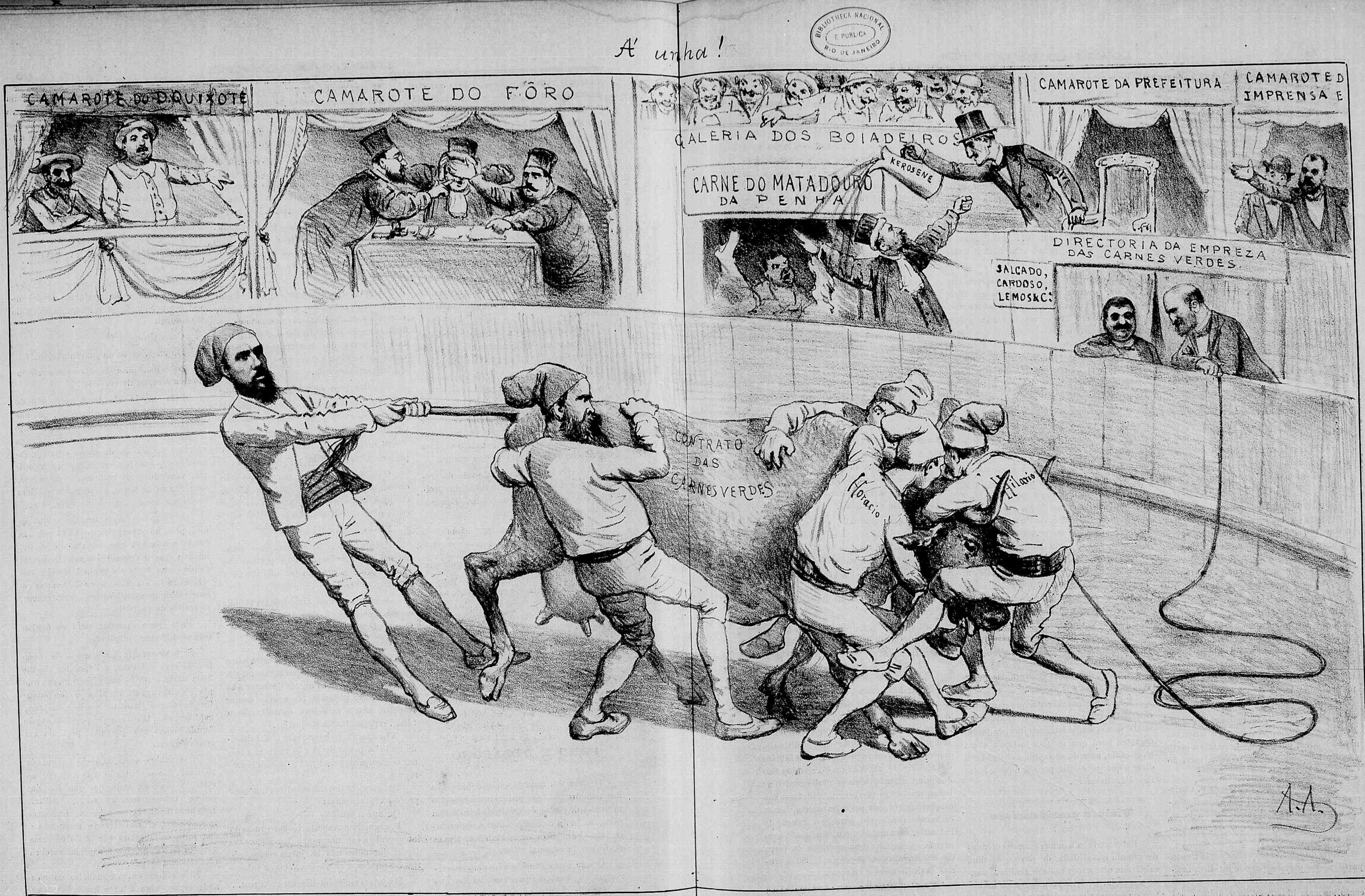
Os jornaes correm mundo; o que se dirá, pois, no estrangeiro quando lêrem nas folhas brasileiras que actualmente se publicam, que o coronel Horacio de Lemos vende carne verde e o coronel Malvino dos reis negocia em carne secca?! Que uns coronéis dirigem cocheiras de burros e outros, mercados de peixe!!

Para quem appellar para se acabar com semelhante ridiculo?

Si a monarchia encheu-nos de commendadores e barões, a Republica não lhe ficou atraç e até foi mais longe na sua ampla e extravagante distribuição de patentes de coronéis, tenentes-coronéis, maiores, capitães, etc., tanto aos que pegaram no pão furado, como aos que não pegaram em cousa alguma.

Um amigo nosso, tenente da guarda nacional, viu-se obrigado um dia a pôr no olho da rua o seu major que quiz lhe dar ordens concernentes ao serviço militar. Este acto ter-lhe-ia occasionado bastantes incomodos, si não tivesse attenuado a sua falta de respeito por meio de uma gorgeta de 5\$, que o seu superior recebeu com especial agrado.

Este official era o cozinheiro do meu amigo, que ignorava ter a honra de comer uns bifes cozinados por um major.



D. Q. — Sancho, tu que és fino, explica-me taí essa trapalhada, que não entendo. Como é que elles procuram segurar aquella vaca, que tem dono? — Naturalmente porque pretendem ficar com ella. — E os donos o que dizem? — Não se importam; a vaca está segura e quem tem o laço é o saído, um rio-grandense. — E aquelle ao lado? — É o Cardoso, que entende de gado e assevera que a vaca agüenta o repulso. — E aquelle Horacio? — É o tal Lemos da firma que anda pintando o Sete com esta, e juntou-se aos adversários da empreza; aquelle barbado segurando o rabo, é o grão chefe o Dr. Larrador; o outro é o Valais, que, por causa das duvidas, agarra-se ao couro da vaca. — E estes ao nosso lado? — São os advogados das partes que põem o juiz lento. — Que grande patuscada!

Appellando para os nossos collegas da imprensa e particularmente para o coronel commandante-superior interino da guarda nacional e redactor principal do *Jornal do Brasil*, propomos o seguinte:

Adoptar-se um sistema para evitar confusão entre as patentes do exercito e as da guarda nacional, acrescentando ás d'esta simplesmente duas letras — G. N.

As considerações acima expostas parecem serem suficientes para que tomem em consideração esta proposta.

Si for acceita, estamos convencidos de que será applaudida tanto pelo exercito como pela propria guarda nacional, que tambem conta na historia patria factos belicos e brilhantes que muito a distinguem e honram.

Tendo, porém, de tratar n'este momento de um assumpto que interessa um dos coronéis da guarda nacional, e não podendo esperar a deliberação dos collegas, dou por acceita a minha proposta e desde já applico o — G. N.

#### A MANUTENÇÃO CONCEDIDA AO CORONEL DA G. N. HONORIO DE LEMOS

Esta manutenção tem dado occasião ás melhores pilherias, inclusive á que nos referimos no artigo sobre o nosso fôro e que o jornal *O País* qualificou de esperteza.

Na quinta-feira lemos no *Jornal do Commercio*, na secção *A pedidos*, um artigo referindo-se a esse facto e que dá perfeita e justa medida do decoro do nosso fôro pelo modo patuso-juridico como se tratam os proprios advogados entre si.

Ahi vai um pequeno specimen:

« Em que qualidade, pois, esse Ulysses sujou o processo de manutenção com o vomito que deixou em cima ? »

(Não se trata do Ulysses da S. Christovão, que, iracundo e de brandão aceso, pretende deitar fogo ao *Don Quixote*. Elle Ulysses tambem vomitou, mas foram muitas asneiras.)

Continuamos o specimen:

« Meu cunhado, o distinto advogado Dr. Pires Brandão, já esmagou a lesma em artigo hontem publicado, juntando a certidão do honrado (não gryphamos) escrivão Cabral Velho. »

(Este Dr. Brandão não é o da S. Christovão, que brandiu a espada da justiça sobre a nossa cabeça chamanda-nos a juizo, o que é um cumulo, pois que de juizo precisa elle.)

Além do distinto cunhado que tomou parte n'esse grande pagode juridico, também n'elle se acha envolvido um dos juris-consultos mais illustres d'esta capital e pai

do habil e esperto signatario do artigo, advogado do não menos esperto coronel da G. N.

A petição apresentada ao juiz é feita em favor d'este importante cidadão, que, além de coronel, tambem é boiadeiro, marchante, commissario, comprador e vendedor de gado, socio da firma Salgado, Cardoso, Lemos & C. e socio igualmente de outra firma por ora incognita e misteriosa, foi redigida na Gavea pelo papai com toda a correcção, corrigida no fôro pelo filho com toda a... habilidade e confirmada pelo genro com toda a dedicação.

Esta petição familiar, isto é, feita em familia, causou grande surpresa no fôro e os maiores desafôros foram trocados entre as partes em litigio representadas pelos seus respectivos procuradores, que por mais que procurem difficilmente acharão sahida em toda esta trapalhada comic-juridica, em que a chicana e a esperteza podem ás vezes mais do que a razão e a justiça.

Não sabemos de que tempora é o juiz ou são os juizes que terão de resolver esta questão judiciaria e quaes serão seus considerandos.

Si estes attenderem á circunstancia especial e nunca vista de ter sido a tal petição em favor do famoso coronel da G. N. apresentada em nome do Pai, do Filho e do Espírito-Santo, isto é, do Pires Brandão, é muito provavel, si os juizes forem carolas, que a illustre e santa trindade da Gavea sahirá victoriosa; o coronel da G. N. mantido no seu direito de ser socio de varias firmas boiadeiras e da empreza das carnes verdes; de comprar gado a vontade e vendel-o pelo preço que lhe convier a seus sócios Salgado, Cardoso, Lemos & C. e ser igualmente socio da firma incognita e misteriosa que está alinhavando uma camisa de onze varas para metter dentro juizes e advogados, a actual firma da empreza das carnes verdes ou talvez a si mesmo.

Nós cá ficamos de palanque para apreciar todos estes pratinhos forenses até o final d'esta comedia burlesco-juridica, fazendo votos para que se faça justiça a quem tiver razão, afim de não sermos obrigados a dizer o que já se diz por ahi: que o nosso fôro é um desofôro.

#### Visitas presidenciaes

Retomando os bondes, sempre cercados de grande quantidade de povo e de uma criançada que nunca mais se acabava, dando-nos assim perfeita idéa de que a industria de fabricar gente é bastante desenvol-

vida entre os nietheroyenses, o Dr. Campos Salles, sempre acclamado, vociferado e atordoado, seguiu com toda a comitiva para a fabrica de fumos marca «Veado», dos Srs. Francisco Corrêa & C.

Foi o principal socio d'essa importante fabrica que recebeu o Sr. presidente, apenas este apeiou do bonde, e notamos que muito se parece com o visconde de Sande. Naturalmente deve ser seu irmão.

O Sr. Francisco Corrêa mostrou todos os sistemas empregados para a preparação do fumo por meio de machinas engenhosas, notando-se entre estas as da fabricação de cigarros.

Quanto ás machinas nada ha a dizer, mas quanto ao estabelecimento... santo Deus, que calor !

As caldeiras que servem para aquecer o fumo tambem aquecem os operarios de ambos os sexos que alli trabalham, suam e quasi morrem de calor.

Uff!! exclamámos todos quando sahimos d'esse forno-barracão, absolutamente sem ar, quasi asphyxiados.

O que mais nos impressionou n'essa visita á fabrica de fumo «Veado» foi a semelhança extraordinaria do Sr. Francisco Corrêa com o visconde de Sande.

Com certeza devem ser irmãos e gemelos, como o são uns maiores muito conhecidos e cujo nome temos na ponta da pena mas que não quer sahir.

Pedimos, portanto, ao Sr. Francisco Corrêa que, quando tiver a felicidade de possuir uma fortuna como a do mano Sande, trate de construir um edificio mais apropriado e, sobretudo, mais arejado em honra da importante industria nacional de fumo e também em beneficio de seus habeis operarios.

Quanto ao mais, parabens pelos seus productos fabricados em tão bellas e engenhosas machinas.

∴

Subindo novamente no bondinho, que chamaremos de presidencial para agradar á Companhia Cantareira, que obsequiosamente etc. e tal... seguiu o Sr. Presidente, sempre acompanhado da sua comitiva e representantes da imprensa, para a fabrica de tecidos de algodão da Companhia São Joaquim, situada onde o diabo perdeu as botas, mas onde também encontrámos um estabelecimento de primeira ordem, especialmente construído para esse genero de industria, bem arejado, muito asseiado e espacoso, possuindo uma machina da força de 300 cavallos e empregando 350 operarios entre homens e crianças.

Esta bella fabrica, que não julgavamos tão importante, consolou-nos da distancia,

do calor, que era insuportavel n'esse dia, e do enorme ramalhete de flores que o collega representante d'A Imprensa dependurou no bondinho, acima da nossa cabeça, victimo de algumas pancadinhas felizmente não mortaes.

Sahindo da fabrica de S. Joaquim debaixo dos vivas de seus operarios, do som do hymno nacional (já se sabe) e do classico foguetorio, subimos novamente nos bondes e fomos para o Barreto, na chacara do Paraíso, uma bella vivenda em logar esplendido e pittoresco, bem arborizado e com bellas avenidas.

Foi de carro que lá chegámos devido á amabilidade do Sr. Dr. Rego Barros, o São Pedro d'esse paraíso. (Não confundir com o seu homonymo da policia.)

Depois de alguma demora em saborear delicadas frutas e deliciosos doces regados com finissimos vinhos, o Dr. Campos Salles deu signal de partida.

Amavel surpresa nos esperava.

O Dr. Rego Barros evitou-nos a longa viagem do bonde, offerecendo ao Sr. presidente e a todos os excusionistas sua bella lancha, que levou-nos ao encontro da *Olga*, gozando assim da bella brisa do mar em logar da poeira das ruas nicteroyenses.

Passando para a lancha official do Sr. ministro da marinha, não tardámos a desembarcar no Arsenal, onde nos despedimos do Sr. presidente e de todos os companheiros da bella e pittoresca excursão.

### A S. CHRISTOVÃO

Apezar dos iracundos directores da Companhia de S. Christovão e do não menos iracundo advogado da mesma Companhia, cujos terríveis intutos contra a nossa liberdade manifestaram por meio de uma citação para comparecer-mos perante a justiça, temos a satisfação de declarar ao publico e aos nossos assignantes que gozamos da mais perfeita saude e da nossa plena liberdade, o que muito deve incomodar esses barbaros cidadãos, que desejariam ver-nos carregados de ferros, mettidos em uma enxovia humida, putrida e sem ar, até que a morte, condenando-se da nossa sorte, nos levasse naturalmente para o inferno, segundo os desejos d'esses bons e piedosos directores.

Inimigos da verdade, do criterio e da logica, não pôdem tão importantes personagens aturar que haja um jornalista que lhes diga o mesmo que elles ouviram da boca dos proprios accionistas, victimas das ladroeiras motivadas pela má administração de seus directores que, confiantes ou cegos, deixaram correr á revelia todas as trapaças de empregados infieis, não

tendo outro cuidado sinão receber os seus honorarios, termo em tal caso muito mal applicado, pois que em nada honram os directores que os recebem mal e indevidamente, como os taes a que nos referimos.

Só pôdem ter uma consolação: é o que se deu com a Companhia de Carris Urbanos, onde tambem houve falcatruas, menores é verdade, mas não menos dignas de louvor.

Em todo caso, cá estamos sempre ás ordens.

### EXPOSIÇÃO PALAGRECO

Não podemos deixar de dar, ainda que em poucas linhas, a excellente impressão que tivemos ao ver o quadro d'este distinto artista representando a chegada do general Roca, presidente da Republica Argentina, na occasião em que desembarca da galeota e cumprimenta o nosso presidente Dr. Campos Salles, a bordo do couraçado *Riachuelo*.

O quadro tem muita lúz, como têm todos os que saem do pincel d'esse illustre artista. Vigoroso e verdadeiro no colorido, assim como no desenho dos diversos navios que se acham fundeados, elle apresenta o mais bello aspecto, dando perfeita idéa do que se passou na nossa bella bahia de Guanabara, n'esse dia que a historia brasileira registrará como um dos mais importantes acontecimentos no Brasil e na America.

O quadro do Sr. Parlagreco é tambem uma pagina historica.

Os nossos parabens ao distinto artista, que a escreveu com o seu admiravel pincel.

### CUMPRIMENTOS

Agradecendo aos numerosos amigos que nos enviaram seus cartões de cumprimentos e boas festas, retribuimos do mesmo modo desejando a todos elles as maiores felicidades n'este anno de 1900.

### NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

PROJECTO da criação de uma universidade catholica por meio de um apostolado de instrucção religiosa no Brasil — Votamos contra. Nossa paiz é bastante religioso. O que elle mais precisa é de outro genero de instrucção.

MOCIDADE MORTA — Collecção côn de

rosa n.º 1, autor Gonzaga Duque e editor Domingos Magalhães. — O autor é bastante conhecido e é de suppôr que o conteúdo d'esse livro deva ser de um colorido tão sympathico como o da capa.

REVISTA MARITIMA BRASILEIRA, ns. 5 e 6. — Interessantissimas como as anteriores.

VICENTINHO, jornal publicado em S. Vicente e cujo redactor é o Sr. José Ignacio da Gloria. — Recebemos já brochados 19 numeros d'esse interessante jornal e igualmente o retrato do seu redactor proprietario, que muito estimamos conhecer em effigie.

NICOLINO MILANO — Dois bons retratos d'esse excellente artista e compositor, enviados pelos photographos Moreira & Vargas.

POLYANTHÉA — Homenagem do jornal A *Parnahyba* e dos parnahybâes á memoria de D. Luiza Amalia de Queiroz Madeira, contendo um bello retrato d'essa distinta poetisa.

### MUSICAS

*Si mes vers avaient des ailes...*  
poesia de Victor Hugo, musica de Reynaldo Hahn. Capa nephilibatica.

Editada pelos Srs. Bevilacqua & C.

ALBUM DE DANÇA, com as seguintes composições:

*Valsa*, por C. Dengremonts;  
*Polka*, por Nicolino Milano;  
*Schottich*, por A. Milanez;  
*Tango*, por Alfredo M. M. Guimarães;  
*Marcha*, por A. Milanez.  
Editores E. Bevilacqua & C.

Com taes compositores não é preciso recommendar esse harmonico album.

VALSA do anti-sezonico de Jesus (!), por J. G. Christo (!), offerecido ao pharmaceutico J. C. de Jesus.

Esta droga a valsar deve ter muita graca! Ora, de que havia de lembrar-se Jesus Christo!

O tal pharmaceutico muito se arrisca a que o clero lhe caia em cima.



Consta que a Sra. bubonica andou passeando pela Gamboa...  
Não se faltando mais n'ella, e' possivel que tenha desapparecido em algum  
dos precipícios que ornam o calçamento desse bairro. Deus queira!



Ao vermos um camundongo morto no nosso escriptorio, sentimo-nos atterrados e fez-nos suppor que a maldita peste não tenha de todo desapparecido.